

EUA criticam estilo brasileiro de negociar dívida

JOSÉ MEIRELLES PASSOS
Correspondente

WASHINGTON — Ao saber ontem, que o Governo brasileiro havia divulgado uma nota afirmando que continuará buscando “saídas criativas” para acrescentar à proposta formal para a negociação com os credores privados do País, daqui a duas semanas, o Secretário do Tesouro americano, James Baker III, comentou, com um grupo de assessores, que esperava que não se tratasse de “outra daquelas inovações miraculosas”.

— O Secretário não quer mais ouvir falar de soluções mágicas. O que mais o preocupa, agora, é que a negociação se encaminhe bem logo de saída. Do contrário, vai ser difícil a Casa Branca poder ajudar um pouco — disse um alto funcionário do Tesouro.

O próprio Baker cunhou uma frase de efeito para resumir a situação:

— Minha opinião é de que uma vez que se faz um ovo mexido, é muito difícil “desmexer” esse ovo — afirmou ele.

Dois dos maiores jornais dos Estados Unidos — “Washington Post” e “Wall Street Journal” — também criticaram, ontem, a idéia de se buscar uma proposta “original” para a negociação.

“O momento é propício para se lembrar que o alívio da dívida e outras soluções milagrosas simplesmente não são muito miraculosas”, comentou o “Wall Street Journal”.

“A administração da dívida brasileira se complica devido à inexperiência de sua liderança política, atuando numa democracia restaurada há muito pouco tempo. Mas as

decisões se resumem a uma escolha essencial: manter-se no sistema internacional de empréstimos e pagamentos ou tirar o país dele e viver marginalizado. Se o Brasil quer ficar, há muito espaço para negociação nesses termos. Há muito respeito pelo Brasil aqui neste país” — argumentou o “Washington Post”.

O prazo para um entendimento razoável é curto. E há duas opções: ou o Brasil demonstra boa vontade, fazendo um pagamento simbólico dos juros antes de sentar-se para conversar com os banqueiros — rompendo a moratória — ou, então, que a negociação seja iniciada ainda que sem esse pagamento, mas mantendo-se a pleno vapor.

Isso evitaria que, no próximo dia 26 de outubro, uma comissão oficial do governo americano — a Inter-Agency Country Exposure Review Committee — adote medidas sérias contra o Brasil. Por lei, se um devedor sustenta uma moratória por mais de seis meses, esse organismo pode rebaixá-lo de categoria. O país só escapou disso, até o momento, porque a próxima reunião da comissão será em outubro.

Baker comentou durante uma entrevista que, se houver um impasse, os bancos serão forçados a desistir de resgatar parte dos empréstimos — declarando-os como prejuízo. E isso, ao mesmo tempo, transformaria o Brasil num “devedor com valor depreciado”. Na prática, tornaria mais difícil ao País levantar dinheiro novo.

— É importante que o Brasil resolva seus problemas com seus credores antes que venha a sofrer uma punição que não poderemos suspender — disse James Baker.